

SÃO PEDRO JORGE FRASSATI

Peregrino da esperança



Publicado pela Província Brasileira da Congregação da Missão
(Missionários Vicentinos), em novembro de 2025.

Texto

Pe. Vinícius Augusto Teixeira, CM

Imagens

Domínio Público

Diagramação

Sacha Leite



Província Brasileira da Congregação da Missão

Cosme Velho, nº 241 | Alm. Barroso nº 91 Rio de Janeiro

www.pbcm.org.br | pbcm@pbcm.org.br

@lazaristasbrasill | @savv.pbcm

(21) 3826-1431 | 99632-4962

SUMÁRIO

Introdução: pág. 4

I – Uma juventude peregrina e repleta de
esperança: pág. 7

II – Traços de seu perfil espiritual: pág. 46

III – O legado de Frassati: uma juventude
dinamizada pela esperança: pág. 59

Anexo I – A fé que atua pela caridade no
pensamento de Frassati: pág. 63

Anexo II – Frassati refletido no pensamento de
Ozanam: pág. 65

Bibliografia específica: pág. 69

Introdução

No dia 7 de setembro de 2025, o Papa Leão XIV inscreveu no catálogo dos santos Pedro Jorge Frassati e Carlos Acutis. Ambos coincidem na exuberância de uma juventude profundamente cativada por Jesus Cristo e, por isso mesmo, dotada de uma vigorosa sensibilidade humana. Aqui, interessa-nos particularmente Pedro Jorge Frassati. E a razão é óbvia: sua pertença à Família Vicentina através da Sociedade de São Vicente de Paulo. E mais do que isso: sua assimilação pessoal e concreta do carisma vicentino, vivido e testemunhado em sua paixão por Cristo e em sua dedicação aos pobres.

É certo que Pedro Jorge é um daqueles modelos de santidade que compartilhamos com outras famílias espirituais, como, por exemplo, a Dominicana, em cuja Ordem Terceira ele ingressou, sem falar de vários outros movimentos eclesiais aos quais se vinculou para intensificar a vivência da fé e o compromisso caritativo e evangelizador. Em tudo isso, importava-lhe acima de tudo fazer frutificar sua vocação batismal nas condições normais da vida e de suas relações, sem jamais prescindir de sua condição de leigo e cidadão atuante, ainda que, para isso, tivesse que enfrentar incompreensões. Foi o que quis sublinhar o Papa por ocasião da canonização:

“Pedro Jorge encontrou o Senhor através da escola e dos grupos eclesiais – a Ação Católica, as Conferências Vicentinas, a FUCI (Federação dos

Universitários Católicos Italianos), a Ordem Terceira Dominicana – e o testemunhou com sua alegria de viver e de ser cristão na oração, na amizade, na caridade (...). Ainda hoje, a vida de Pedro Jorge representa uma luz para a espiritualidade leiga. Para ele, a fé não era uma devoção privada: Impulsionado pela força do Evangelho e pela pertença a associações eclesiais, comprometeu-se generosamente na sociedade, deu sua contribuição à vida política, dedicou-se com ardor ao serviço dos pobres”.

A firmeza do caráter de Pedro Jorge se mantinha estreitamente unida à generosidade de seu coração. A convicção com que professava a fé cristã e o entusiasmo que emoldurava seu empenho caritativo faziam de sua pessoa uma eloquente demonstração de que o sentido pleno da vida se encontra só em Deus e de que este é o horizonte capaz de iluminar o caminho da existência e torná-la verdadeiramente fecunda e feliz. Tal horizonte é o que atrai os passos de quem deseja avançar sempre “para o Alto”, como ele dizia, fascinado que era pelas alturas das montanhas. E sua trajetória foi uma constante subida, não raro por caminhos árduos, motivada pelo desejo de alcançar os vértices mais elevados que a bússola da fé lhe indicava. Desse modo, Pedro Jorge Frassati se nos afigura como um autêntico *peregrino de esperança*, ou melhor, da esperança, daquela “*esperança que não decepciona*” (Rm 5,5), porque se enraíza na fé e frutifica no amor, a única capaz de encorajar-nos a

entrar sem medo na aventura da vida, caminhando na direção da meta que lhe confere beleza e finalidade, como o mesmo Frassati assegurava: *“Se tiveres Deus no centro de todas as tuas ações, então chegarás ao fim”* (15|1|1925). E ele chegou a essa meta com apenas 24 anos e é de lá que continua nos incentivando a prosseguir na travessia da vida, *“correndo com perseverança para o certame que nos é proposto, com os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé”* (Hb 12,1-2).

I - Uma juventude peregrina e repleta de esperança

Raízes familiares

Pier Giorgio Michelangelo Frassati nasceu em Turim (Piemonte), norte da Itália, a 6 de abril de 1901, de uma família da alta burguesia e de vasta cultura, em cujo seio não lhe faltaram o afeto e o cuidado indispensáveis a seu desenvolvimento integral.

Seu pai, Alfredo Frassati, era um homem de renome e influência, seguidor da vertente liberal e laicista daquela sociedade secularizada e em acelerado processo de industrialização. Aos 45 anos, será o mais jovem senador do reino e chegará a ocupar o cargo de embaixador em Berlim (Alemanha). Além disso, sendo jornalista de profissão, fundará e dirigirá o jornal *La Stampa*, que se converterá em um dos mais notáveis veículos de comunicação do país por sua seriedade e ampla difusão. Dada a oposição de Alfredo à ideologia fascista, o jornal será vendido quando do advento do regime, não obstante seu êxito editorial. Em que pesem as diferenças entre os dois, a relação de Pedro Jorge com seu genitor será de profundo respeito, liberdade e afeição, como se pode notar em suas cartas: *“Amanhã será tua festa e lamento muito não poder expressar de viva voz todos os sentimentos de meu coração. Mas estarei perto de ti e rezarei para*

que Deus te dê todas as consolações possíveis pelo bem que fizeste e que fazes” (27|9|1923). Quando o amor prevalece, as diferenças não representam um obstáculo intransponível, podendo até servir de pontes de diálogo e comunhão.

A mãe de Pedro Jorge se chamava Adelaide Ametis, mulher de apurado senso estético e notável pendor artístico, particularmente no que se refere à pintura. Era, contudo, de escassa vivência religiosa. Para seus dois rebentos, além de educadora solícita e esmerada, era sobretudo um seguro abrigo de ternura, sabedoria e proteção, motivo pelo qual Pedro Jorge se expressará nestes termos, remontando-se a um período em que seus estudos não lhe permitiram uma convivência mais próxima com sua querida mãe:

“Os conselhos da mãe são sempre os mais sábios e são sempre bons, mesmo quando o filho já se tornou adulto. Este ano estiveste muito longe de mim e pude perceber o que significa não ter a mãe por perto para nos chamar a atenção de vez em quando e, à noite, dar-nos um beijo e sua bênção” (19|7|1922).

Mencionemos, a propósito, a única irmã de Pedro Jorge, Luciana. Os dois crescerão juntos naquele ambiente de conforto e segurança que seus pais lhe proporcionavam, recebendo uma educação sólida e impregnada de valores. Com o avançar do tempo, porém, cada um dos irmãos seguirá seu próprio rumo. Luciana se casará com um diplomata polonês. Pedro Jorge, por sua vez, tomará distância

do ambiente burguês, preferindo aderir à fé cristã e sair ao encontro dos mais vulneráveis. Apesar desta diferença de projetos de vida, os dois irmãos Frassati continuarão vinculados por um afeto indestrutível e por uma certa convergência de ideais. De fato, Luciana era a confidente predileta de Pedro Jorge: com ela partilhava suas inquietações e a ela pedia conselhos. Depois da morte do irmão, Luciana se ocupará de sintetizar a riqueza do testemunho de Frassati e consigná-lo em um livro encantador. E será assim até o final de seus dias: Pedro Jorge amava sua irmã com as fibras mais íntimas de seu coração. Por isso mesmo, a saída de Luciana do recinto familiar será uma das mais dolorosas experiências da vida de seu irmão. Eis o que escreveu a um amigo que lhe era muito próximo, deixando-lhe entrever o que se passava em sua alma naquele momento de despedida:

“Sim, meu caro amigo, este é um momento difícil para mim, porque nestes dias minha irmã deixou nossa casa e nunca a apreciei tanto como agora que está longe de mim. A luta é dura, mas mesmo assim temos que procurar vencê-la e reencontrar nossa pequena estrada de Damasco para poder caminhar nela em direção à meta que todos devemos alcançar” (29|1|1925).

Os vínculos familiares de Pedro Jorge revelam um traço significativo de sua rica personalidade: sua afetividade profunda e equilibrada, a mesma que se fazia patente na qualidade de suas relações e na

nobreza de seus sentimentos e atitudes, frequentemente expressos em sua correspondência: o trato cordial e respeitoso, a capacidade de cultivar amizades sólidas e duradouras, a saudade que sente daqueles que cruzaram seus caminhos e fazem parte de sua trajetória, o altruísmo e a generosidade que alentavam suas opções e ações, seu espírito de doação gratuita e serviço desinteressado aos menos favorecidos.

Formação humanística e cristã

O casal Frassati respeitava a Igreja por sua história e por sua atuação na sociedade, particularmente por suas obras assistenciais, educativas e caritativas. E estas, realmente – por sua extensão, variedade, incidência e relevância – não passavam despercebidas no Piemonte daquela época. Contudo, Alfredo e Adelaide preferiam guardar certa distância da doutrina católica e de sua prática. Os interesses familiares estavam concentrados nos ideais liberais do trabalho e do empenho político e civil. Apesar disso, por incrível que pareça, queriam que os filhos tivessem uma formação cristã de alto nível. A propósito, Pedro Jorge, que fora batizado no mesmo dia de seu nascimento, receberá sua primeira Comunhão no dia 19 de junho de 1911 e o sacramento da Crisma lhe será conferido no dia 10 de junho de 1915, sempre na companhia de sua irmã. Os pais não tardaram em confiar o filho e a filha à orientação de um padre salesiano. Este, com efeito, desempenhará um papel

de primeira grandeza na educação de ambos, tornando-se depois o primeiro biógrafo do jovem Frassati.

Influenciado por seu contexto familiar, Pedro Jorge aprenderá a apreciar a arte e a literatura. Passarão por suas mãos de ávido leitor obras de autores célebres, como Shakespeare, Manzoni, Papini, entre outros. Na escola, não se destacará como um aluno brilhante, embora não lhe faltasse o esforço da persistência. É o que se vê neste trecho de uma carta que o próprio Frassati endereça a seu pai ainda em sua adolescência (1913), expressando seu pesar diante de uma reprovação escolar e seu propósito de emenda:

“Estou confuso e triste e nem sei como te escrever. Vi a tristeza de mamãe e pensei na tua, tanto que não sei como pedir-te uma palavra de perdão. Lamento também porque fico para trás e tenho vergonha dos companheiros e de minha irmã que passaram à minha frente. Espero que ainda acredites na sinceridade de meu propósito de estudar este ano e de procurar remediar tudo o que for possível”.

Com o correr dos anos, diga-se de passagem, Pedro Jorge se mostrará sempre mais consistente em todas as dimensões de sua vida, inclusive naquela que diz respeito aos estudos e ao conhecimento. E tudo isso se dará com ingentes esforços, sem os quais não haveria méritos verdadeiros.

No ano de 1913, desejosos de assegurarem ao filho uma educação sempre mais qualificada, tanto do ponto de vista humanístico quanto social e religioso, os pais de Pedro Jorge o inscrevem no Instituto Social dirigido pelos Jesuítas. Naquela instituição benemérita, vê afervorar-se sua fé e sedimentar-se sua identidade cristã. Começa a comungar diariamente e inicia-se à adoração eucarística, como recomendava o papa da época, Pio X. Frequenta, para isso, a igreja de Santa Maria in Piazza, confiada aos Padres Sacramentinos. Matriculado no Instituto Social, pródigo em propostas espirituais e iniciativas caritativas, Pedro Jorge ingressa no Apostolado da Oração (fevereiro de 1914) e na Sociedade de São Vicente de Paulo (29 de novembro de 1918). Assim, a experiência basilar da fé e o decorrente empenho da caridade não só se constituirão em dois pilares importantes de sua vida, como também se aprofundarão cada vez mais. Crescem progressivamente seu sentido de pertença à Igreja e sua familiaridade com a Sagrada Escritura, graças a seu particular interesse pelas cartas paulinas. A este respeito, descobrimos uma curiosa declaração do jovem Frassati, dizendo da consolação que lhe era propiciada pelos escritos do apóstolo Paulo em meio à aridez dos estudos acadêmicos que tanto sacrifício exigiam de sua parte:

“A mente encharcada desta ciência árida encontra, de vez em quando, paz, refrigério e gozo espiritual na leitura de São Paulo. Gostaria que tentasse ler São Paulo. É maravilhoso! A alma se exalta com essa leitura e recebemos o estímulo para seguir o caminho reto

e retomá-lo quando dele nos afastamos” (29|4|1925).

Frequentando ainda o Instituto dirigido pelos Jesuítas, Pedro Jorge se alistará na Congregação Mariana, reforçando sua relação filial com a Mãe do Senhor, particularmente através da recitação do Rosário. E esta relação o acompanhará até o fim de seus dias. Naquele mesmo Instituto, compenetra-se da importância do acompanhamento espiritual: de fato, ao longo de sua breve existência, vários sacerdotes se ocuparão de sua orientação: o salesiano Padre Cojazzi, como seu preceptor desde a infância, o jesuíta Padre Lombardi e o dominicano Frei Filipe Robotti. Este colocará em suas mãos os escritos de Santa Catarina de Sena e o levará a abraçar a Ordem Terceira de São Domingos, caracterizada por um sólido enraizamento na Palavra de Deus e por uma profunda devoção a Nossa Senhora. Nas fileiras da Ordem dominicana, no dia de sua vestição, a 28 de maio de 1922, Frassati receberá o nome de Frei Jerônimo, em referência ao eloquente e aplaudido pregador renascentista que foi Frei Jerônimo Savonarola (1452-1498). Em uma de suas cartas, precisamente no último ano de sua vida, Pedro Jorge dará a conhecer a um amigo seu propósito de ler as obras de Santo Tomás de Aquino, tal era seu anseio de colher da santidade e da sabedoria do *doutor angélico* o alento que só a fé poderia comunicar-lhe em meio às contrariedades e fadigas que agitavam sua juventude, bem como a força necessária para seu aprimoramento contínuo como homem, cristão e cidadão:

“Em mim deve ocorrer uma reviravolta espiritual e, por isso, este ano me dedicarei à leitura de Santo Tomás de Aquino. Assim, absorto naquelas páginas maravilhosas, todo pensamento do mundo morrerá e viverei dias felizes, porque elas dão ao coração aquela alegria que não tem fim, porque não é humana e é verdadeira alegria” (29|1|1925).

Na verdade, dois anos antes, em outra missiva, Frassati já tinha dado a conhecer sua frequência aos escritos tomistas e o enlevo espiritual que estes lhe proporcionavam:

“Escrevo-te enquanto tenho aberto diante de mim aquele belo livro de São Tomás de Aquino e, quando leio aqueles conceitos sublimes, penso sempre em ti, que foste o primeiro a incutir em mim o desejo de conhecer as grandes verdades contidas nesta obra escrita para exaltar e glorificar a Divina Providência” (26|3|1923).

Mais tarde, Pedro Jorge ingressará também na Ação Católica, em cujas fileiras ganharão impulso sua formação e sua militância cristãs, radicadas no Evangelho e nutridas pela Eucaristia. Os princípios emblemáticos da Ação Católica: oração, ação e sacrifício encontram na pessoa do jovem Frassati um leal aprendiz, que não temerá circular pelos ambientes mais hostis à religião e não se acovardará nem mesmo em face das ameaças dos fascistas. Seu testemunho é contagiante e suscita em outros jovens

o desejo de somar-se à mesma aventura. Escrevendo a um amigo, Pedro Jorge desvela o segredo de sua vida, a convicção profunda que o vertebrava e faz caminhar, o amor que o robustece e dinamiza, a fé que professa e que constitui a razão de sua alegria e o horizonte de sua esperança, o sentido derradeiro de seu existir e de seu atuar:

“Em minhas lutas internas, muitas vezes me perguntei: por que deveria eu estar triste? Por que deveria sofrer, suportar com relutância esse sacrifício? Será que perdi a fé? Não, graças a Deus, minha fé é ainda bastante firme. Então, reforcemos, consolidemos esta que é a única alegria com a qual alguém pode ser recompensado neste mundo. Todo sacrifício vale a pena pela fé. Então, como católicos, temos um amor que supera tudo e que, depois do amor devido a Deus, é imensamente belo, como é bela nossa religião. Amor que teve como advogado aquele apóstolo que o pregava diariamente em todas as suas cartas aos vários fiéis. A caridade, sem a qual, diz São Paulo, todas as outras virtudes não valem nada, ela sim pode ser guia e orientação para toda uma vida, para todo um programa. Ela, com a graça de Deus, pode ser a meta que minha alma espera. E então, no primeiro momento, ficamos consternados, porque, embora belo, este é um

programa difícil, cheio de espinhos e poucas rosas. Mas confiamos na Providência Divina e em sua misericórdia. O papa Pio X, de santa memória, recomendava aos jovens a prática da Sagrada Comunhão, e não posso deixar de agradecer a Deus a cada momento por me ter dado pais, professores, amigos, que me canalizaram para a via mestra da fé. Imagine se, neste momento em que minha alma atravessa esta crise, eu tivesse a infelicidade de não crer. Não valeria a pena viver nem mais um instante e somente a morte seria talvez o lenitivo para todo sofrimento humano” (6|3|1925).

Em 1918, matricula-se no Instituto Politécnico de Turim para o curso de engenharia, com o intuito de especializar-se em mineração, a fim de ajudar os trabalhadores das minas. Estes, com efeito, eram contados entre os mais explorados e os menos qualificados daquela sociedade desigual e excludente, embora em franco processo de industrialização. Nota-se que, ao mesmo tempo em que intensifica sua vida espiritual e seu sentido eclesial, Pedro Jorge também amplia sua atividade caritativa e seu empenho social. A razão desse entrelaçamento é clara e coincide com a afirmação do Papa Leão XIV no início da Exortação Apostólica sobre o amor aos pobres, citando inclusive seu predecessor, Papa Francisco:

“Contemplar o amor de Cristo ‘ajuda-nos a prestar mais atenção ao sofrimento e às necessidades dos outros, e torna-nos suficientemente fortes para participar em sua obra de libertação, como instrumentos de difusão de seu amor’” (Dilexi te, n. 2).

Vislumbram-se aqui os traços distintivos de Frassati, de seu eloquente testemunho de jovem cristão e cidadão no momento histórico particularmente convulsivo em que lhe coube viver, como ele mesmo deixará entrever em suas cartas:

“E ainda mais neste momento grave que atravessa nossa pátria, nós, católicos, e especialmente nós, estudantes, temos um grave dever a cumprir: nossa própria formação. Nós, que pela graça de Deus somos católicos, não devemos desperdiçar os melhores anos de nossa vida, como infelizmente fazem tantos jovens infelizes, que se preocupam em desfrutar dos bens que não trazem o bem, mas que geram como fruto a imoralidade de nossa sociedade moderna” (30|10|1922).

Empenho social inspirado pela fé

Começa, doravante, a etapa mais dinâmica e frutuosa da breve existência de Frassati, dotada de incomum maturidade humana e espiritual. Em 1919, inscreve-se na Federação dos Universitários Católicos Italianos (FUCI) e, um ano depois, no Partido Popular Italiano (PPI), fundado pelo Padre Luigi Sturzo (1871-1959) para dar voz ao catolicismo democrático e solidário, estimulado pela Encíclica *Rerum Novarum*. Ali conheceu também Alcides De Gasperi (1881-1954), político de notável envergadura moral, que será Primeiro Ministro da Itália em um período particularmente tenso de sua história.

Em tudo, Pedro Jorge fazia prevalecer sua identidade cristã. Suas iniciativas e atividades irradiavam o Evangelho, especialmente nos ambientes onde os católicos eram uma minoria a ser combatida, como nas universidades e no campo da política. Conta-se, a propósito, que, durante um congresso da Juventude Católica Italiana, a 1 de setembro de 1921, em Roma, enquanto os mais de 50 mil jovens desfilavam em cortejo pelas ruas, reivindicando a reforma da sociedade e afirmando os valores cristãos, foram insultados e agredidos fisicamente pela guarda real. Firme na defesa de suas convicções, Pedro Jorge, depois de intervir em favor de um jovem ferido, foi detido. Ano após ano, continuará tomando parte em eventos dessa natureza.

No contexto daquela que será chamada a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), já partilhava da posição de neutralidade de seu pai, unindo-se aos que se opunham à intervenção por parte da Itália. Com a militância no Partido Popular e com opções sempre mais consolidadas, expressa de modo claro e contundente seu pensamento antifascista e seu ardoroso empenho pela justiça e pela paz. Na verdade, o compromisso político de Pedro Jorge se radica, antes de mais nada, em uma consciência íntegra, iluminada pela fé e atenta às vicissitudes que marcam a sociedade de seu tempo. Por isso mesmo, mostra-se capaz de uma indignação ética livre de subserviências ideológicas, sem jamais tender a extremismos, nem de direita nem de esquerda.

No período em que esteve distante de sua terra, procurava manter-se informado e multiplicava sua correspondência com os amigos. Valia-se das oportunidades que tinha para compartilhar ideias, confirmar posturas e incentivar seus companheiros na perspectiva do que lhe parecia justo e oportuno.

“Dei uma olhada no discurso de Mussolini e todo meu sangue fervia nas veias: acredite, fiquei muito decepcionado com a atitude do povo. Onde está o belo programa, onde está a fé que anima nossa gente? Infelizmente, quando se trata de subir às honras do mundo, os homens pisam em sua própria consciência. Gostaria que a escola não começasse mais. Gostaria de ser diplomado para poder ficar em nossa bela região, onde os

homens ainda sentem sua responsabilidade e ainda têm uma grande consciência reta" (Carta escrita de Berlim, em 19|11|1922).

Em outra ocasião, com sua habitual franqueza, escreve sem pestanejar a um de seus companheiros: *"Não gosto nada de tuas ideias sobre o PPI. De minha parte, é melhor estar sozinho, mas com a consciência limpa, do que junto com todos os outros, mas com uma grande mancha na consciência"* (4|12|1922). A prova de que o engajamento social de Pedro Jorge não se movia por uma mera paixão ideológica transparece em seu discernimento crítico em face das resoluções e posições assumidas por seu próprio partido, ao qual não se eximia de criticar quando se mostrava necessário: *"Lamento muito que o PPI apenas faça promessas e, por isso, as pessoas o abandonem. Esperamos que no próximo Congresso se decida algo concreto, pois a Itália espera muito desse partido (PPI)"* (23|10|1921). Em nome da fé, incentiva um amigo a prosseguir na militância política, perseverando no empenho pela justiça social e aceitando uma possível eleição para dirigir o partido:

"Ouvi dizer que queres retirar-te da vida política e esse sentimento, caro Bertini, desonra-te enormemente agora que não existem homens capazes de suportar o pesado fardo da direção do Círculo; além disso, também viste que Deus ajuda aqueles que trabalham para o bem. Portanto,

coragem e deixa-te eleger presidente pela segunda vez” (14|12|1922).

Em 1921, com a nomeação de seu pai para a embaixada italiana em Berlim, Pedro Jorge se transfere para essa cidade com sua família. Procura conhecer a cultura alemã e trava amizade com algumas personalidades dos círculos jovens da Igreja daquele país, tais como os irmãos Hugo e Karl Rahner, que se farão célebres por seu fecundo labor teológico. Entre os três, despontará uma relação de mútua admiração e influência espiritual recíproca. Conhece também um sacerdote afamado por sua atenção aos pobres e por sua benfeitoria influência sobre os estudantes e os operários, os quais se empenhava em formar à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja em um cenário particularmente convulsivo, devido sobretudo às consequências da guerra. Também em Berlim, Frassati se põe a visitar os pobres nas periferias, particularmente os operários. Sua permanência na Alemanha, porém, não dura muito, uma vez que, com a ascensão de Benito Mussolini ao poder, Alfredo Frassati, que era antifascista, demite-se sem hesitar de seu cargo de embaixador. Pedro Jorge acompanha o pai nesse posicionamento, sempre mais convencido do enorme risco que a ideologia fascista representava para a justiça, a democracia e a paz nacional. A esse respeito, escreverá a um amigo:

“Lembro-me das primeiras eleições do período pós-guerra, da chegada do fascismo e agora recordo com alegria que nunca passamos um único momento de nossa vida a favor do

fascismo, mas sempre lutamos contra este flagelo da Itália” (21|6|1924).

Pedro Jorge era um leigo convicto de sua vocação batismal. Consta que, certa vez, alguém lhe perguntou se não pensava em tornar-se sacerdote, ao que ele teria respondido que seu apostolado deveria desenvolver-se em uma maior liberdade de atuação e mediante maior proximidade para com as pessoas, levando o Evangelho ao mundo do trabalho e do estudo, como, aliás, ensinará mais tarde o Concílio Vaticano II (1962-1965) a respeito da vocação do laicato:

“Os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra. Deste modo, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja, ‘segundo a medida concedida por Cristo’ (Ef 4,7)” (Lumen gentium, n. 33).

Eis por que Frassati não hesita em afirmar: *“Quero ajudar meu povo de todas as maneiras possíveis, e posso fazer isso melhor como leigo do que como padre”*. Não foi sem motivo que o decreto sobre a heroicidade de suas virtudes se expressou da seguinte maneira:

“Pedro Jorge compreendera claramente que Deus o queria próximo daquela parcela da humanidade mais

enfraquecida, frequentemente esquecida e oprimida para compartilhar suas angústias e inquietudes em vista da melhoria de suas condições de vida. Sua escolha precisa se orientou conscientemente para a vida de leigo a fim de agir conforme o espírito de Cristo”.

Realmente, a Pedro Jorge nada lhe importava mais do que manter-se firme no caminho traçado pela fé que acolhera como o mais precioso dom, abraçara livremente como alicerce e bússola de seu viver e que professava com todo ardor de sua juventude, consciente de que só a fé poderia comunicar à sua vida a luz que não declina, o vigor que não empalidece e o rumo decisivo. Era o que testemunhava e declarava com veemência repetidas vezes, sobretudo quando provado pelas decepções, fracassos e sofrimentos que não lhe faltaram. Iluminadas pela fé, tais experiências se convertiam, para Frassati, em oportunidades privilegiadas de aprendizado, decantação e amadurecimento, dotando-o de maior segurança, serenidade e sensatez para o caminho. Eis o que escreveu no último ano de sua breve e frutuosa existência:

“Certamente, a fé é a única âncora de salvação. É preciso agarrar-se fortemente a ela: sem ela, o que seria toda nossa vida? Nada. Ou melhor, seria consumida inutilmente, porque no mundo só há dor, e a dor sem fé é insuportável, enquanto a dor alimentada pela pequena chama da fé

torna-se bela, porque fortalece o ânimo para as lutas. Hoje, na luta, não posso deixar de agradecer a Deus que, em sua infinita misericórdia, quis conceder ao meu coração esta dor, para que, através dos árduos espinhos, eu voltasse a uma vida mais interior, mais espiritual. Até esta idade, eu tinha vivido de forma demasiado materialista e agora preciso fortalecer o espírito para as lutas futuras, porque, a partir de agora, cada dia, cada hora, será uma nova batalha a travar e uma nova vitória a conquistar” (29|1|1925).

Caridade compassiva e política

Como autêntico vicentino, Pedro Jorge Frassati visitava pessoalmente os menos favorecidos em seus tugúrios suburbanos, ajudando-os com seus próprios recursos, conhecendo de perto suas carências e promovendo suas esperanças. Pagava aluguéis, doava roupas e fornecia livros a estudantes interessados. Em alguns momentos, prestava inclusive o serviço de carregador, transportando, pelas ruas de Turim, carroças repletas de utensílios domésticos pertencentes aos desalojados. Sua peculiar simplicidade e a sobriedade de seu estilo o tornavam acessível àqueles a quem se dirigia com todo respeito e consideração. Com efeito, trazia dentro de si o desejo de fazer-se “*pobre com os*

pobres”, como diziam a seu respeito, a fim de servi-los da melhor maneira possível, com discrição e gratuidade, engrandecendo-os através de seus gestos. E, como recorda o Papa Leão, “*quem sofre sabe o quanto é grande mesmo um pequeno sinal de afeto e quanto alívio pode trazer*” (*Dilexi te*, n. 4). Para tanto, Frassati não hesitava em abrir as brechas necessárias em meio a tantas outras ocupações de seu cotidiano, fazendo do encontro com os pobres uma prioridade. Este era o modo de ser cristão em que ele acreditava e, mais do que isso, este era o cristianismo que procurava encarnar: aquele que põe em evidência a intrínseca conexão entre fé e caridade, opção e ação, palavras e atos, na pista indicada pelo Evangelho e sublinhada pela espiritualidade vicentina.

“O amor cristão supera todas as barreiras, aproxima os que estão distantes, une os estranhos, torna familiares os inimigos, atravessa abismos humanamente insuperáveis, entra nos meandros mais recônditos da sociedade. Por sua natureza, o amor cristão é profético, realiza milagres, não tem limites: é para o impossível. O amor é sobretudo uma forma de conceber a vida, um modo de vivê-la. Assim, uma Igreja que não coloca limites ao amor, que não conhece inimigos a combater, mas apenas homens e mulheres a amar, é a Igreja de que o mundo hoje precisa” (Leão XIV. *Dilexi te*, n. 120).

No entendimento de Pedro Jorge, a condição de cristão deveria ser dinamizada por uma experiência espiritual e, ao mesmo tempo, orientada para uma práxis que lhe correspondesse:

“No mundo, há muitas pessoas más e, infelizmente, muitas outras que têm apenas o nome de cristãs, mas não o espírito. Por isso, creio que ainda teremos de esperar muito tempo pela verdadeira paz. No entanto, nossa fé nos ensina que devemos sempre conservar a esperança de um dia desfrutá-la” (11|10|1921).

Quatro anos depois, Frassati colocará em realce o vínculo indissolúvel entre as três virtudes teológicas: *“A fé e a esperança cessam com nossa morte, o amor, ou seja, a caridade, dura para sempre, aliás, creio que estará mais viva na outra vida” (23|4|1925).* Algo parecido afirmou também o Papa Francisco, ao convocar o Ano Santo de 2025, em cujo contexto Frassati será canonizado:

“A esperança cristã não engana nem desilude, porque está fundada na certeza de que nada e ninguém poderá jamais separar-nos do amor divino (...). Por isso mesmo, esta esperança não cede nas dificuldades: funda-se na fé e é alimentada pela caridade, permitindo assim avançar na vida” (Spes non confundit, n. 3).

Não raro, o jovem Pedro Jorge se acercava também aos doentes no hospital, consolando-os em

suas penas, levando-lhes medicamentos e povoando-lhes a solidão com sua presença solícita e compassiva. Anota, a propósito, um biógrafo:

“Sua mente e seu coração eram sempre voltados para os pobres sem pão e para os doentes sem recursos médicos. Interessava-se e meditava a fundo livros sobre a caridade para fazer-se pão para os que têm fome, remédio para os que estão doentes e Evangelho vivo para quantos são famintos da Verdade, sedentos da Justiça, necessitados de promoção humana e cristã (...). Embora herdeiro de rica e prestigiosa família, podendo regalar-se uma vida fácil, desde a infância escolheu o caminho dos humildes, inserindo-se em seus problemas com doação total de si mesmo” (PIASENTIN, p. 28).

Nas fábricas e nas ruas da cidade, exercia seu apostolado social, despertando as consciências para a justa reivindicação dos direitos sonnegados às classes menos assistidas. Embora convencido de que a assistência não era suficiente e de que a caridade requeria autênticas reformas sociais, Frassati sabia ser necessário assegurar uma presença de qualidade evangélica junto aos mais vulneráveis, uma presença paciente e respeitosa, capaz de escutar, irradiar esperança e infundir paz; uma presença que confirma, encoraja e até corrige com firmeza, mas sem jamais prescindir da cordialidade e da mansidão aprendidas de Jesus Cristo. Nisto, revelava-se

também sua identificação com a espiritualidade vicentina que nos ensina a manter em harmonia a caridade assistencial e a caridade política, a presença direta e a mobilização social, a proximidade misericordiosa e o empenho sociotransformador, a visita e a reinvidicação, sem jamais contentar-nos com um dos polos.

A este respeito, o Venerável Jorge La Pira (1904-1977) – um lídimo homem de Deus, paladino da democracia cristã, político e jurista de reconhecido valor, três vezes prefeito de Florença e um dos principais artífices da Assembleia Constituinte para a democracia italiana, dotado ele também do singular carisma da caridade social – escreverá a respeito de seu coetâneo e confrade na Ordem Terceira de São Domingos:

“O Pedro Jorge que visita as famílias dos pobres como confrade vicentino e o Pedro Jorge que milita nas fileiras do Partido Popular Italiano são o mesmo Pedro Jorge. Uma ação se integra necessariamente à outra e formam o contexto da intervenção cristã na sociedade enferma. A jovem existência, que tinha Deus somente como luz, vida e orientação, revela-nos o valor da missão que a vida tem para todos: inserir o céu na terra, a graça na natureza, a cidade de Deus na cidade dos homens”.

1923 será um ano de intensa mobilização política para o jovem Frassati. Dotado de personalidade forte e decidida, depois de participar

do congresso do Partido Popular, demite-se do Círculo da FUCI, porque, na ocorrência da visita de Mussolini a Milão, seus membros expuseram a bandeira do Círculo em homenagem ao ditador. A lucidez política de Frassati levava-o a indignar-se diante das incongruências de seus companheiros na defesa dos ideais comuns inspirados pelo Evangelho e na oposição corajosa a medidas arbitrárias e corruptas, como aquelas perpetradas pelo regime vigente:

“Estou realmente indignado porque expuseste na sacada a bandeira – que tantas vezes, embora indigno, carreguei em cortejos religiosos – para homenagear aquele que desfaz as obras piedosas, que não freia os fascistas e deixa matar os ministros de Deus como o Padre Minzoni etc. e deixa que se cometam outras imundícies... e ainda tenta encobrir esses crimes colocando o crucifixo nas escolas. Assumi toda responsabilidade e retirei essa bandeira, infelizmente tarde demais, e a partir de agora comunico minha demissão irrevogável. Com a ajuda de Deus, continuarei mesmo fora do Círculo, embora isso me cause muito pesar, e farei o pouco que puder pela causa cristã e pela paz de Cristo” (24|10|1923).

Em 1924, solidariza-se com a Juventude Católica de Guastalla, que fora agredida e perseguida pelos fascistas. Considerado por alguns como muito

revolucionário, em tudo o que faz, porém, Pedro Jorge procura exprimir a síntese entre uma fé viva, um compromisso social de grande incidência e um genuíno entusiasmo juvenil. *“Espero, com a graça de Deus, prosseguir na estrada dos ideais católicos e poder um dia, se Deus quiser, defender e propagar estas únicas e verdadeiras coisas”*. Além disso, o empenho político de Frassati era acompanhado de grande sensatez, de modo a jamais resvalar para os extremos perigosos do liberalismo ou do comunismo, ambos inibidores da liberdade e ferrenhos opositores da religião.

Seu alicerce e sua força motriz: a fé

Como acentuava São Vicente de Paulo, para levar a bom termo as exigências da caridade em toda sua amplidão, faz-se necessário *“acostumarmo-nos a seguir sempre e em tudo as luzes da fé”*, porque *“somente as verdades eternas são capazes de nos encher o coração e conduzir-nos com segurança”* (SV XI, 31). Pedro Jorge, em seu proceder, deixava transparecer o profundo espírito de fé que presidia todas as suas iniciativas e sustentava seus esforços; espírito de fé que se robustecia da Eucaristia comungada diariamente e adorada em suas assíduas vigílias. Era a fé que o fortalecia e esclarecia sobretudo nos momentos sombrios de crise e desolação: *“Terrível constatação que me atormenta a mente. Quando estudo, de vez em quando me pergunto: continuarei a tentar seguir o bom caminho?”*

Terei a sorte de perseverar até o fim? Nesse tremendo conflito de dúvidas, a fé que me foi dada no Batismo me sugere com voz segura: 'Tu não farás nada sozinho, mas, se Deus for o centro de todas as tuas ações, então, sim, chegarás ao fim', e é exatamente isso que eu gostaria de fazer, tomando como máxima a frase de Santo Agostinho: 'Senhor, nosso coração não está tranquilo até que descanse em ti'" (15|1|1925).

Eis, pois, o segredo da existência de Pedro Jorge Frassati: a centralidade de Deus, o primado da fé. Aí residia a alegria de sua juventude, a fonte secreta que irrigava seu compromisso caritativo e seu empenho político. Por isso, não lhe restava a menor dúvida:

"Minha vida é monótona, mas a cada dia compreendo melhor a graça que é ser católico. Pobres infelizes aqueles que não têm fé: viver sem fé, sem um patrimônio para defender, sem sustentar uma luta contínua pela Verdade, não é viver, mas apenas vegetar. Não devemos apenas vegetar, mas viver, porque mesmo em meio a todas as decepções, devemos lembrarmos de que temos uma fé a defender, uma esperança a alcançar: nossa pátria. E, portanto, banida seja toda melancolia que só pode existir quando se perde a fé" (27|2|1925).

E era esta a convicção que transmitia a seus companheiros, com a autoridade de sua coerência e a vitalidade de sua juventude, ainda que suas origens

burguesas e a opção laicista anticlerical de seu pai nem sempre lhe facilitassem a vida.

Como se não bastasse sua enérgica atividade eclesial, caritativa e social, Pedro Jorge se filia a uma associação de alpinistas e organiza um grupo de jovens para promover a formação espiritual, as excursões às montanhas, as diversões sadias e o estreitamento dos laços de amizade. Escalar e esquiaram suas atividades lúdicas favoritas. A propósito, em uma ocasião, confidenciou: *“Domingo foi um daqueles dias magníficos e da geleira meu pensamento se voltou para os amigos distantes: gostaria que todos tivessem estado ali para desfrutar comigo daquele espetáculo maravilhoso”*. Um dos componentes característicos da personalidade do jovem Frassati era sua capacidade de cultivar vínculos de amizade solidamente alicerçados na fé. Suas cartas o demonstram sobejamente:

“Bem dissestes que sempre permanecerá um vínculo indissolúvel que nos unirá para sempre e acreditamos que esse vínculo seja a fé, aquela que nos tornou companheiros de belas excursões e fez com que nossa amizade fosse fundada sobre bases sólidas. E esse é o único conforto que sentimos na dor de ter que nos separar de vós: se não tivéssemos essa esperança, como poderíamos continuar quando vemos que toda alegria humana traz uma dor e quase toda dor humana traz uma alegria” (agosto de 1924).

Meses antes de sua partida para a eternidade, enaltece a dádiva imensa que é o afeto que une os amigos. Sentia-se verdadeiramente feliz e agradecido por aqueles que o Senhor havia posto em seu caminho e dos quais recebia tantos sinais de estima e benevolência:

“Na vida terrena, depois do afeto dos pais e irmãos, um dos afetos mais belos é o da amizade. E eu todos os dias deveria agradecer ao Senhor porque me deu amigos tão bons e que foram para mim uma orientação preciosa para toda minha vida”.

Esta capacidade de estreitar os laços de amizade apoia-se na sensibilidade de Pedro Jorge para reconhecer e admirar o que há de bom e de belo naqueles que cruzam sua estrada. E a fé logo o faz passar das criaturas ao Criador, vislumbrando em cada gesto humano de bondade os vestígios da bondade de Deus:

“Sempre que convivo com Clementina, sinto-me edificado por sua grande bondade e penso no bem imenso que certamente fez e fará uma alma tão bela. Certamente, a Providência Divina, em seus planos admiráveis, às vezes se serve de nós, miseráveis gravetos, para operar o bem, e, às vezes, não queremos conhecer, ou melhor, ousamos negar sua existência. Nós, porém, que, graças a Deus, temos fé, quando nos encontramos diante de almas tão belas, certamente

alimentadas pela fé, não podemos deixar de ver nelas um sinal evidente da existência de Deus, porque tal bondade não poderia existir sem a graça de Deus” (10|4|1925).

Consciente de que o tempo e a distância podem representar um obstáculo às relações de amizade, Frassati descobre na oração o elo capaz de mantê-las sempre vivas e frutíferas: *“Infelizmente, uma a uma, as amizades terrenas causam dor ao nosso coração pelo afastamento daqueles que amamos, mas eu gostaria que jurássemos um pacto que não conhece fronteiras terrenas nem limites temporais: a união na oração” (15|1|1925).* Este entrelaçamento entre oração e amizade se mostrará efetivo em muitas circunstâncias, como o mesmo Pedro Jorge deixará patente em sua correspondência: *“Obrigado por seu cartão postal e pelas orações prometidas: elas são as mais bem-vindas porque, acima de tudo, são as mais úteis, especialmente para quem está dando um passo importante” (22|6|1925).* Na transcendência dessa comunhão profunda, o presente da amizade se abre ao futuro da eternidade:

“Nestes dias, em que nos reunimos para rezar na tranquilidade desta casa, rezarei também por ti, e tu, reza muito por mim, para que, se infelizmente na vida terrena tivermos de ficar separados pelas exigências de nossa carreira, pelo menos no dia em que o Senhor quiser, nos reencontremos juntos em nossa

verdadeira pátria para cantar os louvores de Deus” (26|3|1923).

Uma juventude provada

Com o correr dos anos, embora jovem, Pedro Jorge experimenta o declinar de suas forças físicas, a ponto de intuir o avizinhar-se da morte. Sente também o peso da crise, vê-se provado em suas convicções e disposições. Contudo, encontra consolação na fé, força na oração e apoio nos amigos. A correspondência se intensifica. As cartas deste período dizem muito. Inaugura-se uma fase de rupturas e novas adesões, na qual o que conta é o essencial e este impele a opções decisivas:

“Recomendo-me às tuas orações, sabendo que essas coisas são pequenos incômodos em comparação com todas as outras lutas que ocorrem dentro de mim. Preciso de oração, porque estou passando por um período crítico de minha vida. Tu me entendes, estou prestes a abandonar a vida de estudante, bela porque sem aborrecimentos, para empreender a árdua ascensão da vida, caminho, infelizmente, muito difícil, especialmente porque algo mudou em mim, algo que anuncia uma tempestade muito brusca” (29|7|1924).

A partida da querida irmã Luciana do seio familiar debilita ainda mais o ânimo juvenil de Pedro Jorge:

“Minha vida (...) atravessa talvez o período mais agudo de uma grave crise e, justamente neste momento, minha irmã vai para longe e assim caberá a mim ter de ser alegre em casa para sufocar o humor sombrio produzido pelas várias adversidades que se levantam” (15|1|1925).

O enfrentamento sereno e intrépido de tais situações exigirá uma consciência esclarecida e uma vontade firme para eleger prioridades e centrar-se naquilo que realmente importa, o que não se dará sem o auxílio da graça de Deus, acolhido e implorado na oração: *“Por enquanto, adeus às caminhadas nas montanhas, meu programa é estudar, mas para fazer isso vejo que preciso de injeções de boa vontade que não possuo mais. Por isso, recomendo-me aos amigos e especialmente às orações” (26|5|1925).* A leitura também lhe traz conforto e esperança, concretamente as *Confissões* de Santo Agostinho:

“Mas se entendemos a palavra (morte) em sua verdadeira essência, então, infelizmente, não só estou morto, mas já ressuscitei várias vezes para, infelizmente, morrer de novo. Gostaria de seguir o caminho reto, mas, a cada passo, tropeço e caio. Por isso, exorto-te a rezar por mim, para que eu chegue, no dia em que a Divina Providência quiser, ao fim do caminho

árduo, mas sempre reto. Entretanto, nestes dias, alterno o árido estudo com a maravilhosa leitura de Santo Agostinho. Minha alma nunca antes experimentou de maneira tão forte o prazer que não tem fim, porque, através dessas poderosas Confissões, se experimenta um pouco da alegria que será reservada àqueles que morrerem sob o sinal da cruz. Hoje, lamento amargamente ter frequentemente perdido meu tempo e ter esperado até minha idade madura para saborear tais alegrias” (20|12|1924).

É assim, confiando e esperando, que Pedro Jorge conserva seu espírito pacífico em meio às adversidades e assume as crises como oportunidades privilegiadas de maturação e crescimento.

“Minha doença é tal que nenhuma intervenção humana pode fazê-la cessar. A intervenção humana pode me dar remédios que podem amenizar a crise, mas não extirpar a causa do mal. Somente a fé pode ser minha esperança no presente e meu conforto na vida futura. Por isso, peço que reze muito por mim, para que a cada dia fortaleça minha fé e assim eu tenha forças para suportar as dificuldades que, nestes últimos anos de minha juventude, se colocam diante de mim

para impedir meu caminho” (29|7|1924).

Uma semente de eternidade

Em 1925, no dia de seu 24º aniversário, 6 de abril, Pedro Jorge recebe de seu pai a importante soma de 5 mil libras. Destina-a integralmente à sua conferência vicentina para que lhe servisse de apoio no atendimento dos mais desprovidos. Em junho, participa de uma peregrinação ao Santuário da Consolata, renovando assim seu afeto filial a Nossa Senhora. No final do mesmo mês, adoece de poliomielite aguda, contraída provavelmente em suas costumeiras visitas às casas dos pobres nas periferias de Turim. De fato, o jovem Frassati não temia a insalubridade nem a fadiga quando se tratava de ir ao encontro dos menos favorecidos. A poliomielite será, então, a enfermidade que o levará à morte dentro de poucos dias, precisamente a 4 de julho, algumas semanas antes de sua formatura e pouco depois do falecimento de sua amada avó. No momento do adeus, junto ao seu leito, sua mãe sustentava sua cabeça e Luciana, a irmã, segurava sua mão entrelaçada com o rosário. Ressoou, então, para Pedro Jorge, as palavras do Senhor: *“Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos foi preparado (...). Tudo o que fizestes aos menores de meus irmãos foi a mim que o fizestes”* (Mt 25,34.40).

Em algum momento, Frassati já teria declarado, repleto da esperança que se ancora na fé pascal: *“O dia de minha morte será o mais belo de*

minha vida". E ainda: *"Como ninguém sabe quando a morte virá buscá-lo, é grande prudência preparar-se todos os dias para ela. Portanto, a partir de agora, tentarei fazer diariamente uma pequena preparação para a morte"* (19|7|1923). Com o avançar do tempo, intensifica sempre mais sua preparação para o desenlace final: *"Acredito que a vida deve ser uma preparação contínua para a outra, porque nunca se sabe o dia e a hora de nossa morte"* (20|8|1923). Meses mais tarde, ainda escreverá: *"Nossa fé nos assiste com a grande esperança de que esta vida é breve e, só depois dela, virá a verdadeira vida, na qual a justiça triunfará"* (3|11|1923). Passados alguns dias, reafirmará a certeza de que é preciso dispor-se ao encontro definitivo com o Senhor, empenhando-se em fazer o bem em meio às contradições que marcam o momento presente:

"A cada dia que passa, sinto-me mais contrariado: se não tivesse a certeza de que minha fé é divina, certamente me abandonaria a algum ato insano. Mas o que afasta esses pensamentos de mim é a certeza de uma vida melhor no Céu, se trabalharmos fazendo o bem. Portanto, mãos à obra e mantenhamo-nos unidos para nos confortarmos mutuamente e nos estimularmos no caminho do bem" (16|11|1923).

E, meses após, ainda deixará patente que a esperança que nasce da fé se traduz em vigilância ativa e disponibilidade operosa: *"De qualquer forma, enfrentarei as adversidades, espero que me*

preparando na oração e na esperança de um dia ou outro passar para uma vida melhor” (29|7|1924). Estava, pois, convencido daquilo mesmo que, certa vez, escrevera São Vicente: “A vida é curta, mas a recompensa é grande” (SV V, 235).

O que dizer a respeito de um jovem cheio de vitalidade que se põe a refletir tão natural e constantemente sobre a dura realidade da morte? O normal, para todo vivente, não seria exprimir-se como faz de modo tão límpido a poetisa que reza: *“Quero viver, Deus. Sinto frio, muito frio. Não me expulses do ninho ainda implume. Me aquece com brandura sem pesar sobre mim a tua mão”* (A. Prado. *O jardim das oliveiras*, p. 45)? Frassati dá um passo a mais. Deixa transparecer, assim, a maturidade humana e espiritual a que chegou no esplendor de sua juventude. Efetivamente, à luz da fé, é só mesmo na perspectiva da eternidade, na esperança da visão face a face, que caem todos os obstáculos para uma autêntica adesão à verdade plena. Ali, Deus se mostrará de modo tão arrebatador que será impossível resistir ao seu amor: arrebatará tanto a nossa razão quanto a nossa vontade. Então, descobriremos que a vida é mais profunda do que a tumba.

De fato, se não houvesse um destino eterno, a existência não passaria de uma *“paixão inútil”* ou de uma *“liberdade para nada”*, conforme as expressões de J. P. Sartre. Radicalmente oposta era, pois, a postura cristã de Pedro Jorge Frassati que, deixando desabrochar a semente da eternidade já plantada em sua alma, haveria de preferir dizer como dirá a mística da caridade que foi M. Delbrêl (1904-1964),

também ela, a seu modo, atraída pela espiritualidade vicentina: *“Eu já considero a vida como os prelúdios das esplêndidas sonatas que nos esperam mais tarde. E toda sua poderosa riqueza já está contida no prelúdio”* (*L'éblouie de Dieu*, p. 101).

Os funerais de Pedro Jorge terão lugar no dia 6 de junho, com uma multitudinária participação popular, sobretudo dos pobres aos quais ajudou de muitas formas. Os olhos que tantas vezes se fixaram em seus rostos macilentos contemplam agora a face radiosa do Senhor. Também vultos ilustres do mundo da política, da cultura e da sociedade em geral se fizeram presentes às exéquias. *“Felizes os mortos, os que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, que descansem de suas fadigas, pois suas obras os acompanham”* (Ap 14,13).

Um cronista, vendo a multidão de joelhos quando da passagem do féretro, anotou: *“Aqui se inicia seu processo de canonização”*. De fato, Frassati encarna a perspectiva da *“vocação universal à santidade”*, de que fala o Vaticano II, aquela que se visibiliza nas condições normais da existência e introduz no mundo *“um modo de vida mais humano”*, fazendo o cristão *“progredir sem desfalecimentos pelo caminho da fé viva, que estimula a esperança e atua pela caridade”* (*Lumen gentium*, nn. 40-41). A Pedro Jorge Frassati aplica-se ainda, *mutatis mutandis*, o que escreveu, certa vez, São Vicente, referindo-se a um de seus Missionários: *“Foi uma grande graça para ele ter morrido como homem apostólico e ter dado a vida pelo próximo, o maior ato de caridade que se pode fazer, segundo o próprio Nosso Senhor”* (SV VI, 175).

O reconhecimento de sua santidade

Pedro Jorge Frassati foi beatificado a 20 de maio de 1990. Na ocasião, o Papa João Paulo II assim se expressou a respeito do caminho de santidade percorrido por este peregrino da esperança, sempre iluminado pela fé e abrasado pela caridade, impregnado do espírito das bem-aventuranças:

“Fé e caridade, as verdadeiras forças que guiavam sua existência, fizeram dele um jovem ativo e diligente no ambiente em que vivia, na família e na escola, na universidade e na sociedade; transformaram-no em um alegre e entusiasmado apóstolo de Cristo, em um seguidor apaixonado de sua mensagem e caridade (...). Em sua vida, a fé fundiu-se com a caridade: firme na fé e ativo na caridade, porque a fé sem obras é morta (cf. Tg 2, 20). Certamente, através de um olhar superficial lançado sobre seu cotidiano, o estilo de vida de Frassati é o mesmo da juventude de seu tempo. Esta virtude discreta, presente no ordinário da vida, é o convite para que possamos imitá-lo. Ele harmoniosamente fundiu sua fé com os desafios da vida diária, sempre aderindo fortemente ao Evangelho e sempre atento ao serviço amoroso aos pobres e a todos aqueles que necessitavam de sua atenção, serviço

este que ele desenvolveu mesmo com a saúde frágil e não temendo a morte que gradativamente se aproximava. Seu amor pela beleza e pela arte, sua paixão por esportes e montanhas, sua atenção aos problemas sociais levaram-no a estabelecer uma relação ainda mais profunda com o Absoluto. Inteiramente imerso no mistério de Deus e totalmente dedicado ao constante serviço de seu próximo: assim podemos resumir toda sua vida. Ele cumpriu sua vocação como cristão leigo envolvido em muitas associações e grupos políticos, fermentando a sociedade, que, muitas vezes, se mostrava indiferente e hostil em relação à Igreja (...). Através de seu exemplo, Pedro Jorge Frassati proclamou aquela vida vivida no espírito de Cristo, o espírito das bem-aventuranças. Assim, ele é um bem-aventurado. E somente quando nos tornamos um homem ou uma mulher das bem-aventuranças é que podemos espalhar e comunicar o amor e a paz aos outros. Ele cumpriu realmente tudo isso, fazendo de tudo para servir ao verdadeiro Senhor. Ele testemunhou que a santidade é possível para qualquer um e que a revolução da caridade pode gerar um futuro melhor no coração das pessoas”.

Desde o ano de sua beatificação, os despojos de Frassati repousam na catedral de Turim. O Papa Francisco deu novo impulso à sua causa de canonização. Diga-se de passagem que seu pai, Mário Bergoglio, conheceu pessoalmente Frassati antes de migrar para a Argentina. Coube, porém, ao Papa Leão XIV inscrevê-lo no benemérito álbum dos santos.

“Verso l’alto!”, escreveu entusiasticamente Pedro Jorge Frassati em uma fotografia que o retrata em escalada. Seu amor pelas montanhas e seu espírito aventureiro são uma bela paráfrase de sua existência consumada aos 24 anos. *“Cada dia, apaixono-me sempre mais pelas montanhas e gostaria de passar dias inteiros no alto dos montes, contemplando, em meio ao ar puro, a beleza do Criador”*. O olhar contemplativo de Frassati diante da criação permitia-lhe intuir o que Adélia Prado sintetizou poeticamente em poucas palavras: *“Na indescritível beleza, o mundo tem um sentido”* (*O jardim das oliveiras*, p. 66). Com efeito, embora apreciasse enormemente esta vida e se empenhasse em vivê-la intensamente, a fé o levava a esperar uma vida ainda mais bela, aquela que o Senhor nos prepara e assegura e que será enfim a plena realização daquilo que somos, ali onde verdade, bondade e beleza se fundem em eterna harmonia e Deus se faz tudo em todos. *“Para o alto”*, para o Altíssimo, eis, pois, a meta de nossa escalada! Assim, Pedro Jorge referenda, com sua singular têmpera humana e espiritual, o que escreverá muito tempo

depois seu amigo de adolescência, K. Rahner, dirigindo-se ao Senhor: *“Tu, que és amor, dá-me o amor. O amor a ti, para que todos os meus dias desemboquem no único dia de tua vida eterna”* (*Palabras del silencio*, p. 75).



II - Traços de seu perfil espiritual

Pedro Jorge Frassati se define pela limpidez de sua personalidade, nutrida por convicções profundas e motivações consistentes, ancorada em uma sólida experiência de fé, enriquecida por relações equilibradas e amizades duradouras, traduzida em um robusto compromisso ético e emoldurada por uma caridade compassiva e criativa.

O ideal de jovem católico era certamente muito diferente daquele que o senador Alfredo Frassati havia sonhado para seu filho. Mas a ideologia liberal e o estilo de vida burguês não exerciam nenhum fascínio sobre Pedro Jorge, assim como tampouco o comunismo era capaz de seduzi-lo. Deus, sim, tinha a absoluta precedência na vida de Frassati. A fé o impulsionava a trabalhar pela justiça social, da mesma forma que o levava a ser um homem íntegro e generoso no seguimento de seu Senhor, que lhe comunicava a força de amar e servir. Este era, de fato, o segredo da vida de Pedro Jorge: partir sempre de Cristo, amando-o com paixão e seguindo-o com firmeza; o mesmo Cristo que o fazia vislumbrar o sentido pleno de sua existência e cumulava de paz seu coração em meio aos revezes do cotidiano. Partir de Cristo para estar com os pobres, para promover a justiça, para transformar o mundo, eis seu ideal. O testemunho de Frassati nos mostra que o amor de Cristo, quando habita o coração de uma pessoa, produz uma juventude sadia e exuberante, capaz de semear esperança nas

condições ordinárias da vida e conservar a alegria em meio às adversidades:

“Tu me perguntas se estou alegre; e como eu poderia não estar? Enquanto a fé me der força, estarei sempre alegre! Todo católico não pode deixar de ser alegre: a tristeza deve ser banida dos amigos católicos; a dor não é a tristeza, que é uma doença pior do que qualquer outra. Essa doença é quase sempre produzida pelo ateísmo; mas o fim para o qual fomos criados nos indica o caminho semeado, ainda que com muitos espinhos, mas não um caminho triste: ele é alegria mesmo em meio às dores”.

Por isso mesmo, Pedro Jorge era um jovem autêntico, genuíno, transbordante de entusiasmo, dotado de consistente tessitura moral, bem como de empatia, pureza de coração e gentileza no trato. Os testemunhos daqueles que o conheceram convergem invariavelmente na direção desses valores e atitudes que perfizeram seu caminho de santidade vicentina. E seu vasto círculo de amizades é uma prova de sua qualidade humana e espiritual.

Sua fonte de inspiração era o Evangelho, seu sustento cotidiano era a Eucaristia, o foco de sua predileção e de seu empenho eram os pobres. Com efeito, era o encontro com Jesus Cristo, Senhor, Mestre e Amigo, que o remetia sem desvios aos pobres. E estes, para Frassati, jamais se reduziam a uma mera categoria social, sem nomes e sem rostos, nem se confundiam com uma plataforma ideológica,

desprovida de calor humano, feita apenas de discursos e estratégias pré-fabricados. Nada disso. Os pobres eram seus irmãos, reconhecidos em sua dignidade de pessoas e filhos de Deus, tratados com cordialidade, visitados em suas realidades dramáticas e sofridas, amparados com gestos de bondade, promovidos através de iniciativas de solidariedade e varonilmente defendidos em seus direitos.

Reportando-se ao Documento de Aparecida (n. 397), o Papa Leão XIV quis colocar em evidência o fato de que uma autêntica opção pelos pobres de modo algum se esgota em arrazoados sociológicos, assim como não se restringe a impulsos emotivos e iniciativas ocasionais. Só uma aproximação respeitosa e uma amizade sincera em relação aos irmãos empobrecidos podem abrir caminho para a evangelização e tornam possíveis a intervenção na realidade e a transformação das estruturas:

“O cristão não pode considerar os pobres apenas como um problema social: eles são uma ‘questão familiar’. Pertencem ‘aos nossos’. A relação com eles não pode ser reduzida a uma atividade ou departamento da Igreja. Como ensina a Conferência de Aparecida, ‘solicita-se dedicarmos tempo aos pobres, prestar a eles uma amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhê-los para compartilhar horas, semanas ou anos de nossa vida, e procurando, a partir

deles, a transformação de sua situação. Não podemos esquecer que o próprio Jesus propôs isso com seu modo de agir e com suas palavras” (Dilexi te, n. 104).

Era, aliás, o que Frassati aprendia nas reuniões semanais de sua conferência vicentina, escutando a leitura de textos de São Vicente e de Frederico Ozanam: ao levar ajuda material aos pobres, importava dar-lhes também seu respeito, sua delicadeza e amizade. Não foi sem motivo que um biógrafo registrou: *“Apaixonado de amor aos pobres, Pedro Jorge encontrou na Conferência de São Vicente o clima, o incentivo e a nova força para desempenho de tão importante, bela e evangélica missão”* (PIASENTIN, p. 27). Sua assimilação do espírito vicentino conduzia-o também a interessar-se pelo bom andamento das Conferências e pela fidelidade de seus membros ao compromisso assumido:

“Eu aboliria certas Conferências de São Vicente. Quando há homens que, apesar de serem cheios de zelo cristão, diante das dificuldades preferem desistir, é melhor que a Conferência não exista. Não porque as pessoas agem de má-fé, mas porque ela não é adequada aos tempos atuais”.

Foi a partir do encontro com Cristo nos pobres que a sensibilidade humana de Frassati se dilatou e expandiu. Pelos pobres, consumia suas melhores energias e perdia até o sono, como narravam seus companheiros. Tanto é verdade que,

já em seu leito de morte, no limite de suas forças, escreverá um bilhete para recordar a uma comissão de serviço aquilo que se devia fazer por um necessitado. Além disso, a complexa e delicada condição do proletariado o tocava profundamente e o induzia a socorrê-lo em suas emergências e a apoiá-lo em suas reivindicações. Foram inúmeras as pessoas ajudadas e promovidas pelo jovem Pedro Jorge, sem que para isso houvesse necessidade de discursos ou propagandas. K. Rahner dá testemunho do que viu e ouviu de perto:

“Todos nós tínhamos interesse pelos problemas sociais. Mas este empenho social, este amor pelos pobres, esta responsabilidade nos confrontos com a miséria eram em Pedro Jorge de uma genuinidade, de uma profundidade e de um espírito de sacrifício tão radical que faziam dele um caso excepcional entre muitos jovens cristãos da época”.

Tomando distância da comodidade e do fausto de suas origens e assumindo um estilo de vida simples e sóbrio, empenhava-se em visitar, consolar e ajudar os menos favorecidos. Muitos destes, presentes em seu funeral, não deixaram de verbalizar o reconhecimento e a gratidão que lhes subiam do coração. De fato, Pedro Jorge enfrentava dias gélidos e condições precárias, mas não deixava de ir ao encontro dos pobres e doentes. E o fazia *“ex toto corde”*. Sua irmã Luciana assim o descreve:

“Esquecido da posição econômica da família, não considerava o patrimônio paterno como sendo seu e afirmava

não possuir dinheiro algum. O que tinha acabava logo distribuindo na periferia de Turim, mais tarde, na de Berlim. Dizia ele: 'Eu vejo ao redor do pobre, do sofredor, uma luz particular, uma luz que nós não temos'".

A provocação que nos vem do exemplo de Frassati é a de ter sempre olhos transfigurados pela fé e atentos às necessidades dos outros e, assim, agir com a diligência do amor. Seu consistente e jovial testemunho responde veementemente à pertinente interrogação que fará muitos anos mais tarde seu amigo K. Rahner:

"Quando nos convenceremos de que todo compromisso crítico e sociopolítico, que hoje é dever sagrado dos cristãos e da Igreja enquanto luta por uma maior liberdade e justiça, encerra ou há de encerrar em si uma espiritualidade oculta, porque, para o cristão, nasce do compromisso íntimo e absoluto que coloca o homem diante de Deus, se dê conta ou não disso?" (Misión y Gracia, p. 103).

Atento aos problemas sociais de seu tempo, Frassati se mostrava convencido de que era inadiável uma intervenção mais incisiva na realidade, seja dedicando-se ao serviço direto dos pobres, seja ainda empenhando-se na política para colaborar na mudança dos rumos da sociedade. Urgia uma ação social mais articulada e duradoura, de modo a promover a justiça integral. Nesta direção, vai também sua escolha pela faculdade de engenharia

com especialização em mineração, que entendia ser de auxílio para os operários, os mais sofridos da classe trabalhadora, cujos direitos não eram respeitados e a quem a assistência era frequentemente sonegada. Estes eram, com efeito, os mais carentes de ajuda espiritual, moral e material, excluídos pelo liberalismo e cooptados pelo comunismo. O jovem Pedro Jorge parecia ter presente, ainda que de modo implícito, o que escreveu veementemente o atual Pontífice:

“A condição dos pobres representa um grito que, na história da humanidade, interpela constantemente nossa vida, nossas sociedades, os sistemas políticos e econômicos e, sobretudo, a Igreja. No rosto ferido dos pobres, encontramos impresso o sofrimento dos inocentes e, portanto, o próprio sofrimento de Cristo. Ao mesmo tempo, deveríamos falar, e talvez de modo mais acertado, dos inúmeros rostos dos pobres e da pobreza, uma vez que se trata de um fenômeno multifacetado; na verdade, existem muitas formas de pobreza: a daqueles que não têm meios de subsistência material, a pobreza de quem é marginalizado socialmente e não possui instrumentos para dar voz à sua dignidade e capacidades, a pobreza moral e espiritual, a pobreza cultural, aquela de quem se encontra em condições de fraqueza ou fragilidade seja pessoal seja social, a pobreza de quem não tem direitos,

nem lugar, nem liberdade” (Dilexi te, n. 9).

Importava, pois, a Frassati doar-se por inteiro, deixando-se impulsionar pela fé rumo ao sentido que a vida tem e ajudando as pessoas a caminharem na mesma direção:

“Que a paz esteja em tua alma, eis o meu desejo para o Ano Santo; todo outro bem que se possua nesta vida é vaidade, assim como são vaidades todas as coisas do mundo. É belo viver, pois além da vida presente está nossa verdadeira vida. Caso contrário, quem poderia suportar o peso desta vida, se não houvesse uma recompensa para os sofrimentos, uma alegria eterna? Como se poderia explicar a admirável resignação de tantas pobres criaturas que lutam pela vida e, muitas vezes, morrem na trincheira, se não houvesse a certeza da justiça de Deus? No mundo que se afastou de Deus, falta a paz, mas falta também a caridade, ou seja, o Amor verdadeiro e perfeito. Se São Paulo fosse mais escutado por todos nós, as misérias humanas talvez tivessem diminuído um pouco” (15|1| 1925).

O Cristo contemplado nas páginas do Evangelho, recebido e adorado na Eucaristia era o mesmo que Frassati podia reconhecer e encontrar nos rostos desfigurados dos menores de seus irmãos. A Palavra e o Pão faziam-no sentir a urgência de dar

de graça o amor que de graça recebia e que se tornara a razão de seu viver, a alegria de sua juventude. E tudo isso graças à fé que iluminava sua consciência e aquecia seu coração. Tornou-se muito apreciada sua singela e firme disposição, assumida com todo ardor de sua juventude: *“Jesus me visita todas as manhãs na comunhão e eu retribuo sua visita da maneira que posso: visitando seus pobres”*. Com um dos biógrafos de Pedro Jorge, podemos facilmente reconhecer: *“Sua ação partia do amor e no amor se realizava por um impulso interior que o envolvia até o cerne da personalidade. Suas escolhas foram sempre ditadas pelo amor apaixonado ao Cristo e aos pobres, em favor dos quais sabia renunciar a muitas coisas”*. Ou ainda: *“Seu coração inflamado de amor a Deus e aos pobres parecia saltar-lhe do peito em palpitações de viva caridade fraterna”* (PIASENTIN, pp. 6. 17).

A trama da vida de Frassati foi tecida também pelos fios das renúncias. E estas eram plasmadas por suas opções de maior abrangência e incidência: a fé professada e a caridade vivida. Foi o que ocorreu no tocante a uma jovem por quem nutria um afeto profundo e sincero e com quem se identificava pela vivência religiosa, pela fibra moral, pelo espírito altruísta, pelo engajamento social e pelo gosto pelo alpinismo. Renunciou ao noivado com esta moça que o encantava para não contrariar seus pais, cuja vida conjugal já se achava muito abalada devido a uma acentuada e prolongada crise. Com efeito, Alfredo e Adelaide não aceitariam facilmente a união do filho com aquela jovem de condição social muito inferior à de sua família e com uma mentalidade dissociada dos ideais liberais. Frassati temia que sua insistência pudesse melindrar ainda mais a relação entre seus

pais, conduzindo-a a um rompimento fatal. Empenhou-se, então, em converter em amizade e admiração aquele sentimento que o envolvia. E o fez, como era seu costume, apoiado na oração. Ele mesmo explica sua renúncia: *“Destruir uma família para criar uma nova seria um absurdo e algo em que não é nem mesmo o caso de pensar. Serei eu o sacrificado”*. A este respeito, voltará a escrever com riqueza de detalhes:

“Estou lendo o romance de Italo Mario Angeloni, Ho amato così , onde ele descreve na primeira parte seu amor por uma andaluza. Acredito que sinto emoções, porque parece a história de meu amor. Eu também ameí assim, só que no romance o sacrifício é feito pela andaluza, enquanto, em meu caso, serei eu o sacrificado, mas, se Deus quiser, que seja feita sua santa vontade (...). Ali está aquela que ameí com amor puro e, hoje, renunciando-o, desejo que ela seja feliz. Exorto-te a rezar para que Deus me dê a força cristã para suportar serenamente e a ela toda a felicidade terrena e a força para alcançar o fim para o qual fomos criados! No dia de sua formatura, senti como são verdadeiras as palavras de Santo Agostinho, que diz: ‘Senhor, nosso coração não tem paz até que descanse em ti’. Na verdade, tolo é aquele que vai atrás das alegrias do mundo, porque estas são sempre passageiras e trazem dores, enquanto

a única verdadeira alegria é aquela que nos dá a fé e os companheiros amados (...). Assim, ela será sempre para mim uma boa amiga, que conheci nos anos primaveris da vida e que me ajudou a continuar no caminho reto em direção à meta” (28|12|1924).

Exigente também foi a renúncia à profissão de engenheiro pela insistência do pai que desejava encaminhá-lo para a administração de seu prestigioso jornal *La Stampa*. O grande projeto de servir e promover os mineiros pobres declina. Pedro Jorge sofre, mas, pouco a pouco, intui novas possibilidades e abraça outras oportunidades que lhe permitirão perseverar na *“fé que opera pela caridade”* (Gl 5,6).

Já ressaltamos que a vida espiritual de Frassati era intensamente cultivada na fidelidade e na constância de sua oração: Eucaristia diária, adoração noturna, meditação bíblica, rosário, peregrinações etc. Era leal no cumprimento de seus deveres de fé, inclusive quando se encontrava em suas expedições com os amigos. Antes de partir, participava da Eucaristia e reservava algum momento para a adoração. Não raro solicitava a sacerdotes conhecidos que lhes celebrassem a Santa Missa nos lugares em que se encontravam alojados.

“Estou na vigília de uma bela excursão à montanha e podes imaginar a alegria que invade meu coração nestes momentos. Severi me propôs partir para Bessanese junto com Denina e seus companheiros; mas seria

necessário perder a Missa e, a princípio, concordei, mas depois, ao pensar em faltar a um dever e à coerência com o que tantas vezes defendi, contra a tese, ainda que válida, de Laura, fui obrigado a desistir” (22|11|1924).

A intensidade da vida interior de Pedro Jorge de modo algum se confundia com evasão da realidade que o circundava. Ao contrário, quanto mais rezava, mais se sentia impelido a encarar o mundo com o olhar transfigurado pelo encontro com o Senhor, a inserir-se nas realidades mais complexas e a intervir concreta e lucidamente nas situações, apoiado em critérios e iniciativas inspirados pelo Evangelho, sobretudo quando se tratava de sair ao passo das misérias humanas. Estamos, pois, diante de um jovem que reza e que, por isso mesmo, sente a incontornável urgência de fazer o bem, de doar sua vida, de deixar o mundo melhor depois de sua passagem por ele. Sua convicção a respeito do valor imprescindível e da necessidade imperiosa da oração se manifesta de muitas maneiras:

“Devemos nos fortalecer para estarmos prontos para enfrentar as lutas que certamente teremos que travar para cumprir nosso programa e, assim, proporcionar à nossa pátria, em um futuro não muito distante, dias mais felizes e uma sociedade moralmente saudável. Mas, para tudo isso, é necessário: a oração contínua para obter de Deus aquela graça sem a qual as nossas forças são vãs; a organização

e a disciplina para estarmos prontos para a ação no momento oportuno e, finalmente, o sacrifício de nossas paixões e de nós mesmos, porque sem isso não se pode alcançar o objetivo” (30|10|1922).

Finalmente, da maturidade do espírito de fé de Frassati dará testemunho, mais uma vez, seu amigo K. Rahner:

“O que mais impressiona é que tudo isso aparecia nele muito naturalmente e com uma espontaneidade muito vibrante e viril. Sua fé se nutria da substância mesma do cristianismo: Deus presente, a oração é o fermento da existência, os sacramentos são o alimento da vida eterna, a fraternidade universal é a lei das relações humanas”.



III - O legado de Frassati: uma juventude dinamizada pela esperança

Pedro Jorge Frassati percorreu sua trajetória sob o signo da esperança cristã. A esperança que corresponde à sede de sentido que habita o coração de toda pessoa. Um sentido que está para além do imediato e que dá sentido a tudo o mais. Um sentido que jamais se reduz a uma ideologia, causa ou projeção subjetiva. O sentido pelo qual o coração humano anseia, o sentido que dá solidez e plenitude à vida é Deus, só Deus e nada mais. Todos os outros sentidos da vida cotidiana, das relações humanas, dos empenhos sociais e dos compromissos eclesiais recebem de Deus seu vigor e seu valor, mas de modo algum o substituem. Já dizia de forma contundente o velho Guimarães Rosa, em seu *Grande sertão: veredas*: *“Como não ter Deus? Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus (...), a vida é burra”*.

Por outro lado, é certo também que a grande esperança – que aponta para o sentido totalizante e plenificante da vida – irradia-se nas pequenas esperanças de cada dia, suscita e sustenta os ideais sublimes que nos movem, os belos sonhos que acalentamos e as causas justas e nobres que assumimos. E, mais do que isso, a esperança purifica e fortalece nossos propósitos, buscas e esforços, orientando-os na direção do verdadeiro e definitivo sentido da existência, como testemunha o mesmo

Frassati. Trata-se, pois, do *efeito retroativo* que a esperança exerce sobre o presente: precisamos das esperanças que nos mantêm no caminho, mas estas não bastam para a peregrinação da vida. Só a grande esperança – que é Deus – não declina mesmo em meio à noite da prova, da angústia, da solidão e da morte. O próprio Pedro Jorge deixará patente no contexto do Ano Jubilar 1925:

“Estamos no Ano Santo e, uma vez que o vigário de Cristo abriu as portas da justiça – portas através das quais todos nós devemos fortalecer-nos na graça para obter a recompensa eterna – guardar rancor seria algo indigno. Eu te dou o ramo de oliveira, símbolo da paz que eu procuro insistentemente” (15|1|1925).

Na Bula de convocação do Jubileu 2025 (*Spes non confundit*, n. 3), o Papa Francisco quis realçar as entranhas trinitárias da esperança. Como discípulos-missionários de Jesus Cristo, todos somos peregrinos dessa esperança, tendo a Trindade como fonte e meta, origem e porto de nossa travessia: o Pai é o fundamento e o horizonte, o Filho é o caminho e o modelo e o Espírito é o dinamismo perene de nossa peregrinação. A conduta que melhor nos corresponde é aquela que nos assemelha a Jesus Cristo, aquela que se define pela fé que nos ilumina, pela caridade que nos irmana e pela esperança que nos impulsiona. As virtudes são o conteúdo mais precioso do alforje de quem peregrina no seguimento do Senhor e sua bússola orientadora é o Evangelho. De tudo isso dá testemunho Pedro Jorge Frassati: foi a partir do Evangelho vivido que suas

relações se enriqueceram e ampliaram, que suas ações se aprimoram e frutificaram e que foram se demarcando os passos, os atalhos e os rumos de sua peregrinação. Assim, ele nos mostra que quem tem tudo, mas não tem a Cristo, na verdade, não tem nada.

Finalmente, o Papa Francisco frisou também a relação da esperança com as outras virtudes teológicas: a fé e a caridade. Não resta dúvida de que “a fé é a substância da esperança”, como escreveu o Papa Bento XVI (*Spe salvi*, n. 10), e a caridade é sua expressão mais concreta, bela e convincente, porque o amor de Deus é o único capaz de redimir o ser humano e de dar sentido a seu viver, revelando-se, porém, na responsabilidade pelo outro, especialmente o mais enfraquecido, e fazendo-nos perseverar até o fim na esperança (cf. *Spe salvi*, nn. 26-28.31). Como não ver aqui um retrato nítido do jovem Frassati, de sua fé madura e robusta, de sua caridade cotidiana e heroica a um só tempo? Ou, para dizer como o apóstolo, de sua “fé que atua pela caridade” (Gl 5,6)? De fato, como escreve o Papa Leão, “para nós, cristãos, a questão dos pobres remete-nos à essência de nossa fé” (*Dilexi te*, n. 110).

Não será demais evocar a belíssima imagem cunhada pelo poeta C. Péguy (1873-1914), ele que se refere à esperança como aquela menina irrequieta, que caminha entre as duas irmãs adultas, de mãos dadas: a fé e a caridade. Quem as vê trilhando os íngremes e acidentados percursos da vida tem a impressão de que são as duas adultas que sustentam a menina esperança e a conduzem. Quando, na verdade, é a pequena esperança que anima e arrasta

as duas. A esperança, por sua pequenez, pode até passar despercebida. Contudo, sem ela, as duas irmãs adultas careceriam do dinamismo que as projeta para o futuro. *“Mas é a esperança que faz andar as duas outras irmãs. E que as arrasta. É ela que faz andar o mundo inteiro. E que o arrasta”* (*Le Porche du Mystère de la deuxième vertu*, p. 22). Com efeito, sem a esperança, a fé se torna frágil e o amor logo se cansa e desanima. Eis por que a fé inquebrantável e a caridade infatigável de São Pedro Jorge Frassati testemunham o vigor da esperança que guiava seus passos de peregrino *“para o Alto”*.



Anexo I – A fé que atua pela caridade no pensamento de Frassati

“O fundamento de nossa religião é a caridade. Sem ela, toda nossa religião sucumbiria porque não seremos verdadeiros católicos se não praticarmos os dois mandamentos onde se encontra toda nossa religião e não conformarmos nossa vida a eles: amar a Deus com todas as nossas forças e amar o próximo como a nós mesmos. Nisso encontra-se a demonstração irrefutável de que a fé católica se baseia no amor e que a violência não foi dada como fundamento à religião de Cristo, como muitos gostariam, para tranquilizar sua consciência. Com a violência, semeia-se o ódio e se recolhem em seguida os frutos nefastos dessa semeadura. Com a caridade, semeia-se no coração dos homens a paz, não a paz do mundo, mas a verdadeira paz que somente a fé em Jesus Cristo pode nos dar, tornando-nos irmãos uns dos outros. Eu sei que esta via é árdua, difícil e cheia de espinhos, enquanto a outra, à primeira vista, parece mais bonita, mais fácil e mais agradável. Mas, se pudéssemos sondar a intimidade daqueles que, infelizmente, seguem as vias perversas do mundo, veríamos que neles não há nunca a serenidade daqueles que enfrentaram mil dificuldades e renunciaram a um prazer material para seguir a lei de Deus.

Aproximando-nos dos pobres, pouco a pouco, tornamo-nos seus confidentes e seus conselheiros nos momentos mais terríveis desta peregrinação terrestre; insinuamos palavras reconfortantes ensinadas pela fé e, frequentemente, conseguimos, sem mérito de nossa

parte, colocar no caminho certo pessoas que, sem maldade, tinham se afastado.

Ver cotidianamente a fé com a qual as famílias suportam sempre as dores mais atrozes, o sacrifício perpétuo que elas fazem, e tudo isso por amor a Deus, faz com que pensemos frequentemente: 'Eu que recebi tanto continuo tão preguiçoso, tão mau, enquanto eles, que não foram privilegiados como eu, são infinitamente melhores do que eu'. Chegamos, então, a tomar consciência da resolução de seguir cada vez mais a via da Cruz, o único caminho que nos leva à salvação eterna.

Cada um de vossos sacrifícios será recompensado no céu porque Jesus Cristo prometeu que tudo o que fizermos aos pobres por amor a ele, ele olhará como feito a si mesmo. Não recuseis este amor a Jesus Cristo, ele que por amor à humanidade quis estar no Sacramento da Eucaristia como nosso consolador e como o pão que nos sacia a alma".

Anexo II – Frassati refletido no pensamento de Ozanam

Seja-nos permitido mencionar aqui a admirável convergência entre as vivências e intuições de São Pedro Jorge Frassati e as do Bem-aventurado Antônio Frederico Ozanam, um dos insígnies fundadores da Sociedade de São Vicente de Paulo. Citamos, a título de exemplo, trechos de algumas cartas de Ozanam que parecem retratar o perfil de Frassati:

- **Uma juventude alegremente consumida pela caridade:** *“Quanto desejaria que todos os jovens de espírito e coração se unissem em torno de alguma obra de caridade, organizando-se em todo o país uma ampla e generosa associação para o alívio das classes populares”* (21|7|1834).
- **A indignação ética e a prática da caridade:** *“Somos muito jovens para intervir na luta social. Ficaremos, então, inertes, em meio a um mundo que sofre e geme? Não! Um caminho está aberto para nós. Antes que possamos tratar do bem público, procuremos fazer o bem a alguns; antes de regenerar a França, poderemos aliviar o sofrimento de alguns de seus pobres”* (21|7|1834).
- **A identidade cristã, o sentido eclesial e o empenho social:** *“Considero o catolicismo de um modo mais absoluto, nele encontrando a fórmula necessária do cristianismo, assim como no cristianismo se me afigura a fórmula necessária da humanidade. Creio no culto como profissão de fé, como símbolo da esperança, como realização*

terrena do amor de Deus. Por este motivo, pratico a religião segundo minhas forças e de acordo com os hábitos que me foram ministrados na infância, encontrando na oração e nos sacramentos o indispensável sustentáculo de minha vida moral, no meio das tentações de uma imaginação voraz e de um mundo alucinador. Quanto às opiniões políticas, estamos igualmente de acordo, isto é, desejaria eu também o aniquilamento do espírito político em proveito do espírito social (...). Não me oponho nem repilo quaisquer organizações governamentais, mas não as aceito senão como instrumentos destinados a tornar os homens mais felizes e melhores. Se queres fórmula, eis aqui: acredito na autoridade como meio, na liberdade como meio e na caridade como objetivo final” (21|7|1834).

- **A santidade como horizonte do caminho da vida: amor a Deus, à humanidade (aos pobres) e a toda a criação:** *“Os santos eram loucos de amor. Seu amor sem medida abraçava Deus, a humanidade e a natureza. Vendo que Deus se tinha feito pobre para vir habitar a terra, que a maior parte da humanidade é pobre e que a própria natureza é pobre, apesar de suas magnificências, já que está sujeita à morte, os santos também quiseram ser pobres: é próprio do amor tornar-se, tanto quanto possível, semelhante à coisa amada. E nós, meu caro amigo, não faremos nada para assemelhar-nos aos santos que amamos e contentar-nos-emos com lamentar a esterilidade dos tempos de hoje, enquanto cada um de nós tem no coração um germe de santidade que um simples querer já faria brotar? Se não sabemos amar a Deus como eles o amavam, sem dúvida alguma temos motivo de sobra para lamentar-nos. Mas, mesmo assim, nossa fraqueza*

ainda pode achar alguma desculpa. De fato, parece que, para amar, precisamos ver. E nós não vemos a Deus senão com os olhos da fé, e nossa fé é tão fraca! Mas os homens, mas os pobres, nós os vemos com os olhos da carne, estão aí e podemos tocar suas chagas com os dedos e com a mão. As marcas da coroa de espinhos são visíveis em sua fronte. E aqui já não há mais nenhum lugar para a incredulidade e deveríamos cair aos seus pés e dizer-lhes como o Apóstolo: “Tu es Dominus meus et Deus meus. Sois nossos senhores e seremos vossos servos. Sois para nós as imagens sagradas desse Deus que não vemos. Não sabendo como amá-lo de outro modo, nós o amaremos em vossas pessoas”. Se, na Idade Média, a sociedade enferma não pôde ser curada senão pela imensa efusão de amor que houve, sobretudo por meio de São Francisco de Assis, se mais tarde novas dores apelaram para as mãos caridosas de São Felipe Néri, São João de Deus e São Vicente de Paulo, quanta precisão não haveria hoje de caridade, devotamento e paciência, para minorar os sofrimentos desses pobres, ainda mais indigentes que nunca, porque rejeitaram o alimento da alma, ao mesmo tempo em que lhes começou a faltar o alimento do corpo” (13|11|1836).

- **Consciência lúcida, coração sensível e compromisso efetivo:** *“O problema que divide os homens de hoje não é de ordem política, mas de ordem social. Trata-se de saber quem terminará vencedor, se o espírito de egoísmo ou o espírito de sacrifício; e se a sociedade será uma sociedade de lucro sempre maior para proveito dos mais fortes ou de dedicação de cada um ao bem de todos e, sobretudo, para a defesa dos mais fracos (...). Nossa juventude e nossa modesta condição podem facilitar-nos a tarefa de mediadores, tarefa esta que*

nossa condição de cristãos parece exigir-nos como obrigatória. Eis aqui a possível utilidade de nossa Conferência de São Vicente de Paulo” (3|11|1836).

- **A fé e a caridade como pilares da vida:** *“É bem mais alto que doravante devemos procurar socorro. Não é um frágil bastão que se nos torna necessário para atravessarmos o mundo. São asas, essas duas asas que ostentam os anjos: a fé e a caridade. É preciso preencher esses lugares que ficaram vazios. Em vez do gênio que nos falta, cumpre à graça conduzir-nos. Torna-se necessário sermos corajosos e perseverantes. É necessário amar até a morte, combater até o fim. Não contemos com fácil vitória, pois Deus no-la tornou difícil, a fim de que mais gloriosas fossem nossas coroas”.*
- **O espírito de fé e a entrega total de si nas mãos de Deus:** *“Sei que completo hoje meu quadragésimo aniversário, mais da metade do caminho da vida. Sei que tenho uma mulher jovem e bem amada, uma filha encantadora, excelentes irmãos, uma segunda mãe, muitos amigos, uma carreira honrosa, trabalhos levados precisamente a ponto de poderem servir de fundamento a um trabalho há muito sonhado. No entanto, fui atacado por uma doença grave, obstinada e tão perigosa que provavelmente esconde um esgotamento completo (...). Destes-me 40 anos de vida, Senhor... Ah! Se estas páginas são as últimas que escrevo, que elas sejam um hino à vossa bondade!” (Testamento).*

Bibliografia específica

- ARAMINI, Michele. *Pier Giorgio Frassati: un giovane secondo il Vangelo*. Ponteranica: Velar, 2007.
- BELLON, Angelo. *Pier Giorgio Frassati: la sua spiritualità*. Bologna: Studio Domenicano, 2025.
- CAVALLO, Olimpia (ed). *Pensieri e parole di Pier Giorgio Frassati*. 3 ed. Milano: Paoline, 2024.
- FRASSATI, Luciana. *Mio fratello Pier Giorgio: la carità*. Cantalupa: Effatà, 2013.
- PIASENTIN, João. *Eucaristia e Pobres: bem-aventurado Pedro Jorge Frassati*. Rio de Janeiro: SSVP, sem data.

[illegible]

